

A forma e o uso dos prefixos *PRÉ-* e *PÓS-* no português falado no sul do Brasil

Luiz Carlos Schwandt*
UFRGS

Resumo: Este texto apresenta um estudo dos prefixos *PRÉ-* e *PÓS-* e suas variantes no português falado no sul do Brasil. A partir de uma análise empírica, discute-se o status morfológico (Aronoff, 1976; Basílio, 1980) e prosódico (cf. Nespor & Vogel, 1986) dessas formas. Entre várias considerações, concluímos que os prefixos *pré-* e *pós-*, pronunciados com vogal média-baixa, são, do ponto de vista fonológico, palavras independentes e, do ponto de vista morfológico, estruturas produtivas. Os prefixos pronunciados com vogal média-alta, *pre-* e *pos-*, ainda que não sejam produtivos, podem ser transparentes, e classificam-se prosodicamente como sílabas átonas à esquerda de uma base.

Palavras-chave: Prefixos. Palavra Fonológica. Palavra Morfológica.

Abstract: This paper presents a study of the prefixes *PRÉ-* and *PÓS-* and their variants in the dialect spoken in the South of Brasil. From an empirical analysis, we discuss the morphological (Aronoff, 1976; Basílio, 1980) and phonological (cf. Nespor and Vogel, 1986) status of these forms. Among several considerations, we conclude that the prefixes *pré* and *pós-*, pronounced with low-mid vowel, are, phonologically, independent words and, morphologically, productive structures. The prefixes pronounced with high-mid vowel, *pre-* and *pos-*, even though they are not productive, may be transparent, and they must be classified as unstressed syllables to the left side of a base.

Key words: Prefixes. Phonological Word. Morphological Word.

* Docente e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa realizada com a colaboração dos bolsistas de Iniciação Científica Aline Grodt (FAPERGS; CNPq/UFRGS) e André Schneider (PROPESQ/UFRGS; FAPERGS).

1 Introdução

É comum se observarem pronúncias de vocábulos prefixados por *pré-* e *pós-* ora com vogal média-baixa, ora com vogal média-alta – como em *pr[e]ltônica* – *pr[ɛ]ltônica*, *p[ɔ]ltônica* – *p[ɔ]stônica*. Outros casos há em que a única pronúncia possível parece ser a com vogal média-baixa, como em *pr[ɛ]-escola* ou *p[ɔ]s-graduação*, que não permitem as formas *pr[e]-escola* ou *p[ɔ]s-graduação*. O contrário também ocorre: em vocábulos como *pr[ɛ]ver*, o abaixamento da vogal não parece possível.¹

A partir disso, duas perguntas podem ser inicialmente formuladas:

a) estamos, nos casos assinalados, diante de um mesmo par de prefixos, i.é, o *status* da vogal é propriedade inerente ao morfema ou é derivado de sua condição prosódica? e

b) em que medida os falantes têm consciência da prefixação em todos os casos apontados, sobretudo naqueles em que a vogal predominante é a média-alta?

Preliminarmente, nossa hipótese é a de que estamos diante de diferentes categorias prosódicas (na perspectiva de Nespor & Vogel, 1986), que concorrem com um só prefixo. Essa concorrência se expressa por restrições morfofonológicas que intentam o alinhamento entre essas categorias prosódicas e a categoria morfológica prefixo.

Para dar conta dessa hipótese, este trabalho assume, basicamente, dois objetivos: primeiro, o de descrever o uso dos prefixos *pré-* e *pós-* no português falado no sul do Brasil; segundo, o de, a partir dessa descrição, discutir a interação entre vocábulo morfológico e vocábulo fonológico, na perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel, 1986)

Assim, o texto se organiza como segue. Na seção 2, caracterizamos com maior detalhamento esses prefixos e o problema que perseguimos; em 3, apresentamos a metodologia empregada no trabalho; em 4, os resultados; em 5, está nossa proposta de análise; e na seção 6, por fim, seguem-se as considerações finais.

¹ No caso de *prever*, podemos dizer que a forma com vogal média-baixa cria outro vocábulo, com significado distinto. Um bom exemplo é o vocábulo *pr[e]-conceito* que assume um novo significado que não impõe, necessariamente, o sentido de *discriminação*.

Excluíam-se deste exemplo, também, quaisquer pronúncias dialetais, como em algumas regiões do norte e do nordeste do Brasil, que nada tem a ver com o prefixo propriamente dito, mas que abaixam vogais também dentro da raiz.

2 Os prefixos *pré-* e *pós-* no PB

O prefixo *pré-* carrega a noção de anterioridade, ao passo que *pós-* carrega a de posterioridade. Segundo Duarte (1999), estes prefixos já estavam presentes em latim: o primeiro, sob a forma *prae-*, prendia-se sobretudo a verbos (*praedicere*, *praesentire*) e a adjetivos (*praecanus*); o segundo, sob a forma *post-*, embora de emprego mais restrito, unia-se também tanto a verbos (*postponere*) quanto a nomes (*postgenitus*, *postprincipia*).

Segundo Sandmann (1989), ambos os prefixos são produtivos no português brasileiro, unindo-se a substantivos (*pré-calamidade*, *pós-guerra*) e a adjetivos (*pré-gravado*, *pós-fixado*) e, menos comumente, a verbos (*pré-convocar*, *pós-graduar-se*).

Outro dado importante é o fato de que todas as formas novas são produzidas com vogal média-baixa. Será esse um indício de que esses prefixos, quando pronunciados com vogal média-alta, estão lexicalizados?

Se tomarmos o critério de produtividade como suficiente para definir a morfologia de uma língua, teremos de responder afirmativamente a essa questão. Contudo, essa não parece uma boa alternativa, se considerarmos que os falantes parecem ter consciência da prefixação em vocábulos como *prever* ou *pospor* (por sinal, já prefixados em latim).

Podemos dizer, assim, que a capacidade de produzir novas palavras não é exatamente a mesma que permite reconhecer a estrutura mórfica de vocábulos já existentes, e que, juntas, essas duas capacidades traduzem o que se entende por competência lexical (cf. Basílio, 1980).² Queremos, em outras palavras, dizer que um falante pode reconhecer um morfema dentro de um vocábulo ainda que não o utilize para criação de novos vocábulos.

Retomando, todavia, a pergunta feita na introdução, precisamos definir se se trata de um ou dois pares de prefixos, ou seja, se estamos diante de uma só forma subjacente para cada prefixo.

Pensando na fonologia das vogais do português na linha de Câmara Jr. (1970), observamos que as vogais médias-baixas (as que ele chama de médias de primeiro grau) só estão presentes em posição tônica. Isso nos conduz à constatação de que vocábulos como *pré-primário* ou *pós-doutorado* possuem dois acentos primários. Ora, seguindo Nespor & Vogel (1986), assumimos que palavras fonoló-

² Poderíamos, neste caso, falar em *Regras de Formação de Palavras* (Aronoff, 1976) e *Regras de Análise Estrutural* (Basílio, 1980). Não nos apropriamos, contudo, desta terminologia aqui, porque não queremos nos comprometer neste trabalho com o uso do termo *regra*.

gicas não podem possuir mais do que um acento primário; neste caso, estamos diante, então, de dois vocábulos fonológicos. Ademais, temos aí evidência de que o vocábulo fonológico, em português, pode ser menor do que o morfológico, já que *pré-* e *pós-* são prefixos e não formas livres.³

Quanto às formas com vogal média-alta (de segundo grau, segundo Câmara Jr.), em exemplos como *prever* ou *pospor*, o que se observa é que os prefixos em questão comportam-se como sílabas átonas à esquerda de uma base prosódica pronta. Podemos, dizer, então, que, neste caso, a oposição *e/ε*; *o/ɔ* está neutralizada. Uma evidência desse comportamento encontra-se no fato de que tais vogais podem se sujeitar a outro processo, típico do interior de um vocábulo fonológico: a elevação da vogal pretônica, sendo possível se ouvirem pronúncias como *privisão* ou *puspusão*.

Em alguns casos, ainda, o que observamos é uma oscilação entre a pronúncia com a vogal *média-baixa* e a pronúncia com a vogal *média-alta* – algumas vezes sem acarretar distinção de sentido (*pr[ε]tônico* ~ *pr[e]tônico* / *p[ɔ]s-tônico* ~ *p[o]stônico*); outras acarretando nítida oposição (*pr[e]visão* ~ *pr[ε]-visão* / *p[ɔ]sposto* ~ *p[ɔ]s-posto*). Este caso denuncia bem um processo de reestruturação prosódica: sílabas alternando com palavras fonológicas.

A partir dessa breve reflexão, redesenhamos nossa hipótese inicial, dividindo agora os prefixos *pré-* e *pós-* em três categorias:

- a) palavra fonológica independente
pr[ε]-primário, *p[ɔ]s-operatório*
- b) sílaba átona à esquerda de uma base
preconceito, *pospor*
- c) variação de a) e b)
pr[e]tônica ~ *pr[ε]tônica* / *p[ɔ]stônica* ~ *p[ɔ]stônica*

Há, ainda, uma quarta situação, que diz respeito à total lexicalização desses prefixos, isto é, os casos morfológicamente opacos (*precaver*, *preconizar*). Evidentemente esses casos só nos interessam no sentido de compará-los às formas que julgamos transparentes com vogal média-alta, ou seja, se é verdade que vocábulos prefi-

³ É bem verdade que *pré-* e *pós-* são semanticamente mais livres do que outros prefixos monossilábicos, podendo, inclusive, se instanciar isoladamente (Schwindt, 2000). Isso, apesar de ser uma boa evidência de sua independência prosódica, não lhes dá necessariamente o atributo de vocábulos morfológicamente completos, ou de *formas livres* (em termos estruturalistas), porque sua significação é sempre dependente de informação prévia. Como curiosidade, além disso, cabe dizer que não tivemos sucesso ao tentar isolar prefixos dessa natureza no espanhol peninsular, isto é, por não haver nessa língua oposição fonológica entre os pares *e/ε, o/ɔ*, parece que se uniformiza também o *status* prosódico do afixo em questão.

xados por *pre-* e *pos-* (*prever*, *pressentir*) podem ser reconhecidos pelos falantes, a gramática precisará de algum expediente para dizer o que os diferencia das formas opacas (aquelas que não são sincronicamente identificáveis). Nesse caso, a estrutura silábica é insuficiente, porque ambos serão prosodicamente escandidos como sílabas átonas à esquerda de uma base. Aí, reside, pois, um limite que o falante reconhece, mas que não é prosódico e sim morfológico.

3 Metodologia

Sumariamos, a seguir, as quatro etapas metodológicas empregadas nesta pesquisa.

Etapa 1: busca, nos dados do Banco VARSUL dos três Estados, através do Programa Interpretador, das ocorrências de *pré-/pre-* e *pós-/pos-*, registradas na primeira linha das entrevistas, verificando-se, paralelamente, todas as ocorrências de pronúncias alternativas, expressas na segunda linha;

Etapa 2: organização dos dados apurados na 1ª etapa em classes gramaticais e, em seguida, consulta no Dicionário Aurélio Eletrônico, verificando a existência de formações novas envolvendo esses prefixos;

Etapa 3: testes de reconhecimento morfológico por parte de estudantes de Ensino Médio, com o intento de verificar a transparência sincrônica desses prefixos; e

Etapa 4: teste para verificar as possibilidades de pronúncia dos prefixos em questão (se com vogal média-baixa ou com vogal média-alta ou com ambas), indagando os entrevistados sobre sua aceitabilidade.

Por fim, os prefixos considerados transparentes foram classificados nas três categorias postuladas em nossa hipótese.

Na seção que segue, ao relatar os resultados de cada uma dessas etapas, ofereceremos mais detalhes acerca da metodologia utilizada, sempre que isso se fizer necessário.

4 Resultados

Nesta seção apresentamos os resultados alcançados para cada etapa mencionada na seção anterior. Esses resultados vêm acompanhados de discussão.

4.1 Etapa 1

Foram realizadas buscas, através do Programa Interpretador, nos dados dos três estados que integram Banco VARSUL RS, a saber, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, em todos os municípios cobertos pelo banco, totalizando 320 entrevistas.

Verificou-se um total de 1526 ocorrências, dentre as quais 1411 do prefixo *pre-*, 89 de *pré-*, 26 de *pós-*, e nenhum registro do prefixo *pos-*.

O uso desses prefixos por parte dos informantes do Banco VARSUL é bastante coerente com os dados de palavras dicionarizadas com estes mesmos prefixos, ou seja, as duas fontes respeitam a mesma proporcionalidade, conforme se vê no Gráfico a seguir.



O que se pode extrair de interessante do Gráfico 1 é o fato de que, se acreditamos que o dicionário representa, em alguma medida, o léxico da língua, podemos dizer que, no que concerne aos prefixos em questão, a variedade falada no sul é representativa da realidade do português brasileiro.

4.2 Etapa 2

O primeiro procedimento dessa etapa foi o de organizar os dados levantados (do corpus do VARSUL) em categorias gramaticais. Excluídos os dados repetidos, bem como as formas flexionadas e as formas derivadas que não acarretavam mudança de classe gramatical, obtivemos um total de apenas 103 dados, distribuídos em quatro categorias: substantivos, adjetivos, formas nominais do verbo e formas flexionadas do verbo. Mostramos isso na Tabela 1.

Tabela 1
PRÉ-,PRE-/PÓS- – Categorias gramaticais

Prefixo	Substantivos		Adjetivos		Verbos	
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
pre-	35,8	29/81	24,7	20/81	39,5	32/81
pré-	72,2	13/18	27,8	5/18		
pós-	75	3/4	25	1/4		

O que se sobressai nesse resultado é, sobretudo, a baixa ocorrência desses prefixos em categorias gramaticais distintas, isto é, apesar de muito recorrentes, vocábulos formados por *pre-*, *pré-* e *pós-* estão circunscritos a poucas raízes da língua em uso. Esse número se torna ainda menor se considerarmos que as mesmas formas estão presentes em diferentes categorias gramaticais. Isso pode ser exemplificado tomando um substantivo como *preocupação*, que pode apresentar-se sob a forma do adjetivo *preocupado* ou ainda do verbo *preocupar-se* – todas essas categorias correspondendo a uma só raiz.

Num segundo momento, verificamos se havia formações novas nos dados levantados. O critério utilizado foi constarem ou não no Dicionário Aurélio Eletrônico, versão 3.0. Foram encontrados apenas 8 vocábulos novos, todos com o prefixo *pré-*. Desse conjunto, 7 foram empregados como substantivos e 1 como adjetivo. Listamos esses vocábulos a seguir.

(1) Formações novas com *pré-*

<i>emprego de substantivo</i>	<i>emprego de adjetivo</i>
pré-aposentadoria	pré-teológico
pré-carnaval	
pré-colegial	
pré-eleição	
pré-ginásial	
pré-militar	
pré-tratamento	

Esse resultado confirma duas afirmações iniciais: primeiro, a de que o prefixo *pré-* é altamente produtivo no PB; segundo, a de que se junta a substantivos e adjetivos (cf. Sandmann, 1989). O mesmo se esperaria de *pós-*, mas em nosso corpus não houve dados de palavras novas com esse prefixo. Sobre isso, é preciso dizer, contudo, que dicionários podem trazer listadas palavras há pouco

incorporadas à língua (sobretudo o Aurélio) e, apesar disso, deixar de registrar, algumas vezes, palavras com uso relativamente frequente, o que significa que este cotejo, embora útil, não confere total precisão à nossa discussão em torno de produtividade. Queremos mostrar com isso nossa crença de que o uso de um termo como *pós-guerra* (presente nos nossos dados e dicionarizado) pode soar tão naturalmente para um falante do PB quanto *pós-eleição* (ausente em nossos dados e não-dicionarizado).

4.3 Etapa 3

Nesta etapa foram entrevistados 98 estudantes de Ensino Médio, com o objetivo de verificar a transparência sincrônica de prefixos.⁴

O instrumento constituiu-se de dois testes:

1º teste de identificação dos significados de prefixos em 44 frases (das quais 21 diziam respeito aos prefixos *pré-/pre-* e *pós-/pos-*), em que o informante tinha de associar a palavra prefixada dentro de uma frase como *Ontem eu tive um pressentimento de que algo de ruim iria me acontecer* a uma legenda com significados como (1) *antes*, (2) *depois*, (3) *negação ou privação*, (4) *repetição* etc.

2º teste de identificação de morfemas, no qual o informante tinha de circular o núcleo do significado de palavras listadas isoladamente – as mesmas palavras do teste 1, agora descontextualizadas.

Apresentamos, na seqüência, duas tabelas que tentam reunir os resultados dos dois instrumentos aplicados nesta etapa.

Na Tabela 2 estão os resultados de *pré-/pre-*. Os numeradores (na coluna ocorrência) indicam: no teste 1, as situações em que os vocábulos prefixados foram identificados com o significado de *antes*; e no teste 2, as situações em que os informantes, ao escandirem morficamente os vocábulos, excluíram o prefixo da raiz.

⁴ Não houve preocupação com uma estratificação social fina dos sujeitos; apenas se cuidou para não aplicar o teste em aula de língua. Neste caso, foram entrevistados estudantes de três turmas de cada uma das três séries do Ensino Médio de duas escolas públicas, nos municípios de Estrela e Venâncio Aires. A escolha dessas escolas foi a conveniência de acesso dos bolsistas, por serem eles alunos egressos das mesmas. Todos os estudantes presentes na turma naquela data responderam o instrumento.

Tabela 2
PRÉ-/PRE- – Transparência sincrônica⁵

	Teste 1 - significado		Teste 2 - escansão morfica	
	antes		excluindo prefixo	
	%	ocor.	%	ocor.
pré-escola	62,2	61/98	98,9	92/93
pré-moldado	65,3	62/95	98,9	91/92
predestinado	37,8	37/98	89,1	82/92
prepotente	25,8	25/97	86	80/93
pressentimento	43,9	43/98	85,9	79/92
6º precursor	41,8	41/98	84,8	78/92
prejuízo	9,2	9/98	83,7	77/92
preencher	8,2	8/97	80,6	75/93
6º precoce	68	66/97	66,7	60/90
preconceituoso	5,2	5/97	49,5	46/93
preocupação	11,2	11/98	42,9	39/91
preferência	28,6	28/98	30,8	28/91

Na Tabela 3, a seguir, apresentamos os resultados de *pós-/pos-*, tomando-se, agora, como 'aplicação' o sentido de *depois* e, novamente, a sua escansão como *fora da raiz*.

Tabela 3
PÓS-/POS- – Transparência sincrônica

	depois		excluindo prefixo	
	%	ocor.	%	ocor.
pós-graduação	66,3	65/98	96,7	89/92
pós-guerra	79,6	78/98	95,7	89/93
postposto	37,8	37/98	94,6	87/92
postônico	52	51/98	86,7	78/90
6º posfácio	32,7	32/98	82	73/89
posterior	79,6	78/98	67,7	63/93
6º postergar	44,9	44/98	61,8	55/89
6º posição	12,2	12/98	61	55/90
6º postular	15,3	13/85	57,8	52/90

⁵ A diferença nos denominadores deve-se ao fato de que alguns estudantes deixaram de responder certas questões, sobretudo no teste 2.

Primeiramente, cabe chamar a atenção para o fato de que, nas duas tabelas, os índices relativos ao significado são, em geral, mais baixos do que os índices concernentes à escansão da raiz. Isso certamente tem a ver com a dificuldade de se atribuir o significado de um prefixo (*antes* ou *depois*) a uma palavra inteira em contraste com algum condicionamento que pode advir do exercício de escansão de morfemas.⁶ Por estarmos conscientes desses obstáculos difíceis de serem evitados, nossa discussão olhará relativamente para as frequências obtidas.

Dessa forma, nas duas tabelas apresentadas, alguns resultados nos parecem bastante lineares, como os dos vocábulos prefixados por *pré-* e *pós-*, que obtiveram índices altos nos dois testes. Como já dissemos, esses prefixos são produtivos, portanto, são automaticamente transparentes para os falantes do PB.

Nosso principal foco de interesse, contudo, nesta etapa, recaiu sobre os casos de *pre-* e *pos-*, já que são esses que permitem um discussão sobre transparência, em virtude de não serem produtivos. Nessa perspectiva, exemplos como *pressentimento*, na Tabela 1, ou *postônico*, na Tabela 2, podem sugerir que esses vocábulos são ainda transparentes para muitos informantes, seja porque aproximadamente 50% dos informantes percebem o seu significado, seja porque mais de 85% dos informantes o excluem da escansão da raiz.

Um argumento contraditório, aqui, poderia ser o de que essas raízes existem como palavras na língua, o que conduziria a sua imediata identificação, isto é, não seria o prefixo que estaria sendo identificado, mas a sua base. Isso não parece tão verdadeiro quando vemos números altos para bases como *coce*, em *precoce*; *fácio*, em *prefácio*, e, ao mesmo tempo, números não tão altos em raízes como *ocupação*, em *preocupação*. Reside aí a vantagem de se olhar comparativamente para o resultado dos dois testes.

Carecem de investigação, contudo, resultados inesperados (mesmo se vistos comparativamente), os quais assinalamos com o símbolo \diamond . Em todos esses casos, podem estar interferindo variáveis próprias de um teste desta natureza e de difícil controle, como expectativas equivocadas quanto ao sentido dos vocábulos - tanto por desconhecimento de sentido, quanto por analogia com

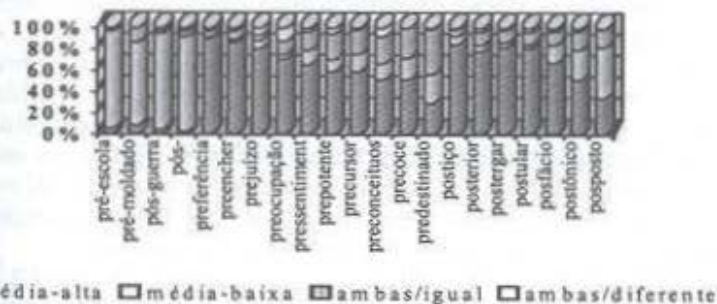
⁶ É preciso dizer, contudo, que evitamos relacionar esse exercício a qualquer atividade normativa. Isso se evidenciou desde o enunciado da tarefa e, também, no fato de que as frases contendo esses prefixos estavam misturadas a muitas outras com outros prefixos, para evitar uma atividade condicionada pela seqüência de prefixos idênticos ou semelhantes.

palavras que existem na língua, (como, por exemplo, estabelecer uma relação com o vocábulo *cursor*, ainda que nada tenha a ver com o significado de *precursor*), quanto por condicionamentos gráficos (que poderiam provocar a separação de *pos* de uma suposta raiz *tiço*, numa palavra que nem mesmo é prefixada).

4.4 Etapa 4

Na quarta e última etapa de nossa investigação empírica, aplicamos um teste a 112 estudantes de Ensino Médio de uma escola pública.⁷ Foram propostas 21 palavras isoladas (as mesmas utilizadas na etapa 3) com quatro alternativas de pronúncia. Por exemplo, no caso do vocábulo *posfácio*, apresentamos as alternativas (a) *pôsfácio*, com vogal média-alta; (b) *pósfácio*, com vogal média-baixa; (c) tanto com média-alta quanto com média-baixa sem diferença de significado; e (d) tanto com média-alta quanto com média-baixa com diferença de significado. Para esta última alternativa, havia espaço para discriminar os dois significados.⁸

Gráfico 2
PRÉ, PRE/PÓS, POS - Possibilidades de pronúncia



⁷ Esses informantes são estudantes do 1º e do 3º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS, do município de Porto Alegre. Mais uma vez não propusemos nenhuma estratificação social em particular, tendo sido envolvidos na tarefa todos os que se encontravam em aula no dia do teste.

⁸ Os sinais gráficos ^ para vogal média e ˘ para vogal média-baixa foram devidamente explicados no enunciado do exercício e reiterados oralmente na proposição da tarefa, a fim de evitar qualquer relação com a ortografia.

Apresentamos esses resultados, no Gráfico 2, em que horizontalmente estão os vocábulos envolvidos na pesquisa, na seguinte ordem: todos os casos de *pré-*, todos os casos de *pós-*, todos os casos de *pre-*, e todos os casos de *pos-*; verticalmente está a percentagem de seu emprego nas categorias de (a)-(d) há pouco mencionadas.

Os dados do gráfico apresentado mostram a autonomia de *pré-* e *pós-* (e.g. *pré-escola*, *pós-guerra*), também no que respeita à pronúncia, ou seja, a pronúncia preferida foi a com vogal média-baixa. Ora, como tais vogais são acentuadas em nossa língua, a categoricidade no emprego das mesmas nos conduz à conclusão de que estamos diante de palavras fonológicas independentes.

Casos, por outro lado, como os de *preencher* ou *posterior*, em que predomina a pronúncia com vogal média-alta, nos levam a entender que esses prefixos são estruturas que podem, inclusive, ser interpretadas como parte da raiz (interpretação que não consideramos absoluta), escandindo-se prosodicamente como sílabas átonas.

Restam, pois, para serem discutidos os casos em que se observa variação significativa. Esses casos estão divididos em dois grupos: dupla pronúncia com o mesmo significado (e.g. *predestinado*, *postônico*) e dupla pronúncia com significados distintos (e.g. *preocupação*, *preconceituoso*, *prejuízo*).⁹ No primeiro grupo está a variação propriamente dita ou, em outras palavras, é onde se situa a oscilação entre as categorias prosódicas *palavra fonológica* e *sílaba*. Um exame mais acurado teria de mostrar, contudo, se o mesmo falante usaria as duas formas, porque neste caso se constataria uma variação envolvendo o acento primário. No outro caso, não se trata de uma oscilação dentro do mesmo item lexical, mas, muito provavelmente, de dois lexemas distintos.

Há, por fim, à semelhança dos resultados da etapa 3, casos que merecem aprofundamento, como os vocábulos não-prefixados *precoce* e *postular*, aos quais foram atribuídas pronúncias variáveis inclusive. Acreditamos que tais casos se expliquem por problemas operacionais de aplicação de um instrumento dessa natureza, como mencionamos na seção anterior.

⁹ Os comentários discursivos sobre os significados de palavras com pronúncias variáveis foram os esperados: por ex., para *prejuízo*, registraram-se argumentos como *algo que não beneficia alguém*, enquanto para *pré-juízo*, um *juízo realizado antes*.

5 Uma análise possível

O processo de prefixação no português brasileiro (PB) constitui um interessante espaço para a discussão acerca da relação entre morfologia e fonologia.

Considerando que *pré-*, *pre-* / *pós-*, *pos-* são afixos – no caso prefixos – temos de admitir que formam com o radical a que se ligam uma só palavra morfológica. Se assumimos, contudo, que uma palavra prosódica não pode ter mais de um acento primário atribuído (Nespor & Vogel, 1986), nem sempre essas palavras morfológicas corresponderão a uma só palavra prosódica – é o caso de *pré-primário* ou *pós-guerra*, que por possuírem dois acentos constituem duas palavras prosódicas. Por outro lado, em vocábulos como *preencher* ou *posterior* encontramos uma relação biúnioca entre os dois tipos de palavra.

Ilustramos a estrutura prosódica desses prefixos a seguir.¹⁰

- (2) Escansão prosódica e morfológica de prefixo acentuado
[[pré]_{afixo,σ} [primário]_{base,σ}]pal.morf.σ [[pós]_{afixo,σ} [guerra]_{base,σ}]pal.morf.σ
- (3) Escansão prosódica e morfológica de prefixo inacentuado
[pre]_{afixo,σ}[encher]_{base,σ}]pal.morf.σ [pos]_{afixo,σ}[por]_{base,σ}]pal.morf.σ
Categ. morfológicas: afixo, base, palavra morfológica
Categ. prosódicas: palavra fonológica (σ), sílaba (σ)

Como se observa, na estrutura prosódica em (2) o prefixo acentuado (neste caso, *pré-* e *pós-*) é uma palavra fonológica que se junta a uma base que também é uma palavra fonológica. Diferentemente, na estrutura ilustrada em (3), o prefixo inacentuado (neste caso, *pre-* e *pos-*) é, do ponto de vista prosódico, apenas uma sílaba que também se junta a uma base que é uma palavra fonológica.¹¹

É preciso acrescentar que uma proposta da natureza de (2) e (3) representa uma violação ao princípio conhecido como *Strict Layer Hypothesis* (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986), o qual exi-

¹⁰ Evitamos, aqui, a alternativa de lexicalizar todas as formas com vogal média, justamente porque nossos dados mostram que tais formas são, muitas vezes, transparentes. Além disso, rejeitamos por completo a hipótese de emparelhar formas prefixais acentuadas com compostos, pois o comportamento dessas unidades é bastante diferente: sobretudo por compostos se sujeitarem à flexão e à derivação, o que sugere que possam constituir duas palavras morfológicas, ao contrário dos prefixos. Apesar disso, em Schwindt (2000), rotulamos os prefixos acentuados como *prefixos compositionais*.

¹¹ Optamos por definir a base a que se junta o prefixo inacentuado como uma palavra fonológica, já que prefixos não alteram o acento da palavra em PB. Sabemos, contudo, que, muitas vezes, um prefixo deste tipo se une a estruturas morfológicas ainda em formação, isto é, estruturas que não são palavras prontas da língua.

ge que uma dada categoria não-terminal seja composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa e, ainda, que cada categoria prosódica esteja exaustivamente contida na categoria imediatamente superior. Tal violação pode ser observada em (2), em que o prefixo é uma ω que se liga a outra ω , formando com ela uma ω mais abrangente, e também em (3), em que o prefixo, apesar de ser uma sílaba, se liga a uma palavra pronta e, com ela, forma uma palavra maior. Estamos, então, admitindo a recursividade da palavra prosódica (cf. Peperkamp, 1997; Vigário, 1999; Schwindt, 2000).

Isto posto, retomemos agora as perguntas que norteiam esta pesquisa, quais sejam:

a) estamos, nos casos assinalados, diante de um mesmo par de prefixos, i.é, o *status* da vogal é propriedade inerente ao morfema ou é derivado de sua condição prosódica? e

b) em que medida os falantes têm consciência da prefixação em todos os casos apontados, sobretudo naqueles em que a vogal predominante é a média-alta?

À segunda questão, procuramos responder empiricamente nas seções precedentes. Como vimos, parece, de fato, que os falantes sempre enxergam a prefixação no caso de *pré-* e *pós-*, e, algumas vezes, percebem-na também com *pre-* e *pos-*. Se invertemos as respostas agora é porque esta conclusão alimenta a resposta que apresentamos, a seguir, para a primeira pergunta. Defendemos que estamos diante de um mesmo prefixo, que tem vogal média-baixa subjacentemente. Sua realização com vogal média-alta é, portanto, produto de sua condição prosódica. Uma vez configurado como sílaba pretônica, este prefixo está sujeito à neutralização entre vogais médias-baixas e médias-altas, característica desta pauta no PB, resultando nas formas *pre-/pos-*.

A questão é definir qual a motivação desse fenômeno e como ele se formaliza. Propomos que a motivação é morfológica, isto é, à medida que o prefixo perde seu caráter produtivo, há uma reestruturação prosódica, ou seja, o colchete de ω é apagado, e a estrutura em (2) se converte na estrutura em (3). É importante dizer, contudo, que o colchete morfológico, que o identifica como afixo, é mantido. Esse colchete reflete o caráter de transparência desse morfema, por isso ele é identificado pelos falantes. Quando o colchete morfológico é apagado, estamos, então, diante de um caso de lexicalização, ou seja, não se assegura mais nenhuma transparência ao morfema.

As formas que oscilam entre as duas pronúncias podem também ser cobertas por esse tratamento. Nos casos em que a variação implica mudança de significado, certamente estamos diante de duas estruturas distintas: uma com a forma produtiva do prefixo e outra não (cf. *prejuízo*; *pré-juízo*). Nos casos, porém, em que apesar de variar a pronúncia o sentido é o mesmo (cf. *postônico*; *pós-tônico*), podemos dizer que há uma flutuação no acolchetação: uma forma independente que caminha para incorporar-se prosodicamente à palavra. Acreditamos, por fidelidade à nossa hipótese, contudo, que um mesmo falante em geral faça uma opção entre as duas formas no que concerne à produção, ainda que sejam ambas passíveis de identificação (já que transparentes).¹²

Em resumo, podemos propor, a partir deste exemplo de afixação em PB, que há uma correlação entre um *continuum* de produtividade e um *continuum* de independência prosódica. Ainda que não tenham recortes cem por cento isomórficos, parece que pelo menos há uma direção bem definida: se um elemento tem independência prosódica ele terá um caráter mais produtivo que os elementos com menor autonomia. O outro lado dessa linha conserva os casos de afixos lexicalizados, que, por sua vez, estão prosodicamente totalmente incorporados às suas bases. No meio desse *continuum* estão os afixos transparentes mas não produtivos, que, em princípio, não formarão palavras fonológicas independentes.¹³

6 Considerações finais

Neste texto, apresentamos uma análise dos prefixos *pré-/pós-* no PB, a partir de dois objetivos: primeiro, o de descrever o seu uso na variedade do sul do Brasil; segundo, o de discutir sua configuração prosódica.

Para dar conta da descrição, realizamos um exercício empírico constituído de quatro etapas: (i) busca dessas formas nos dados do VARSUL nos três Estados que compõem o Banco; (ii) exame de produtividade, olhando para as categorias gramaticais a que esses prefixos se juntam e confrontando com o dicionário para detectar formações novas; (iii) exame de transparência, através de teste de reconhecimento do significado das palavras prefixadas e da escansão mórfica das mesmas; e (iv) verificação das possibilidades de pronúncia desses prefixos, utilizando-se de teste de múltipla escolha.

¹² Esse raciocínio não é uma negação da possibilidade de variação por parte de um mesmo falante, mas tem a ver com o fato de que, neste caso, não estamos diante de um caso trivial de variação: aqui oscilam 1 versus 2 acentos no interior de uma mesma palavra morfológica.

¹³ Isso não anula a possibilidade de que haja afixos que, apesar de não serem palavras fonológicas independentes, ainda assim são produtivos (como *in-* ou *des-* em PB).

A partir do detalhamento do resultado dessas etapas, desenvolvido na seção 3, discutimos o isomorfismo entre categorias prosódicas e morfológicas no PB. Nesse sentido, admitimos que esses prefixos possuem a mesma estrutura morfológica, independente da qualidade da vogal. Do ponto de vista prosódico, entretanto, são diferentes, podendo se apresentar sob as seguintes três formas (conforme previa nossa hipótese): palavras fonológicas independentes, caso em que são produtivos e se realizam com vogal média-baixa; sílabas átonas à esquerda de uma base, caso em que se realizam com vogal média-alta; e flutuação entre essas duas categorias, caso em que há variação de pronúncia mas se mantém o significado.

Essas diferenças podem, pois, ser explicadas, a partir da relação que se estabelece entre o acolchamento morfológico e o prosódico, em dois contínuos paralelos, que ensejam isomorfismo, numa direção, entre produtividade e independência prosódica, e noutra, entre lexicalização e incorporação prosódica. No meio do caminho, estão as formas que, apesar de não-produtivas, ainda são transparentes.

Referências

- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- DUARTE, P. M. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: Ed. da UFC, 1999.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.
- PEPERKAMP, S. A. *Prosodic Words*. Holland: HIL dissertations, 1997.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras - no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1989.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- SELKIRK, E. *Phonology and Syntax*. The relation between sound and structure. Cambridge, Mass.: GLSA, 1984.
- VIGÁRIO, M. On the prosodic status of stressless function words in european portuguese. In: HALL, T.; KLEINHENZ, U. (eds.). *Studies on the phonological word*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 253-294.